

V.

O que a seguir se vai ler, escrevi-o por mera distracção e como simples homenagem ao povo trabalhador e, sobretudo, muito sacrificado da minha terra Natal e dedico-o, especialmente, àqueles que, em busca do pão de cada dia, tiveram que a abandonar.

Não se trata de uma obra literária, pois para isso escasseiam - me os conhecimentos. Se algum valor poderá ter é pelo que revela quanto a espirito de observação. É uma espécie de brincadeira que me entretive nos pequenos intervalos das minhas ocupações profissionais e que se destina aos naturais da região, pois a linguagem empregada nos diálogos é, tanto quanto possível, a usada pela humilde gente do povo e, por isso, só terá o devido sabor quando lido por quem conheça bem o sotaque.

Alpalhão, assim como todas as localidades que constituem o concelho de Nisa e parte do Crato, formam o conjunto de mais ... pronúncia de Portugal. Eu, pelo menos, não conheço região onde as palavras sejam tão mal pronunciadas e, digo mesmo, qualquer visitante desprevenido terá dificuldade em compreender muitos termos, sobretudo quando pronunciados com rapidez nas conversas dos seus habitantes.

Uma diferença de seis quilómetros apenas - tal a distancia entre Alpalhão e Gílete - é o suficiente para nos apresentar duas pronúncias muito diferentes, e qual delas a mais singular

Um aspecto curioso, com origem na deficiência linguística dos habitantes desta parte do Alto Alentejo, reside no facto de os de cada localidade terem a velocidade de julgar que os seus vizinhos falam pior do que eles. E, então, arremedam-se mutuamente. Isto verifica-se mais entre os naturais de Nisa - que é a sede do concelho - e os de Alpalhão - localidade mais importante, depois da sede. No entanto, nunca tom mais propriedade se poderá empregar o aforismo popular: "Diz a panela para a sertã, chega-te para lá não me mascarres!..."

Se não, vejamos umas palavras ao acaso. Por exemplo CABEÇA - O Alpalhoense diz CABEÇE (o penúltimo e muito fechado e o último em vez io u) e o Nisense dirá CABEÇA (com o e muito aberto). Outra: DEUS - O Alpalhoense diz DES e o de Nisa diz DES. Outra ainda: DIZER - O de Alpalhão diz DZE e o de Nisa diz DZE. Etc. Etc.

Uma coisa, porém, é certa: O Alpalhoeiro, através da cultura ou com o afastamento da terra, chega a perder o sotaque que aprendeu na infância. Ora isso nunca sucede ao nizense. Conheci o caso de um médico ilustre que exerceu clínica, durante muitos anos, no Congo Belga e que tinha uma pronúncia tal que, se eu o encontrasse no estrangeiro e o ouvisse falar, não exitaria em localizar a sua naturalidade ou, pelo menos, longa permanência na vila de Niza.

A narrativa que se segue situa-se, pois, na vila de Alpalhão, concelho de Niza, distrito de Portalegre, província do Alto Alentejo e tem o seu começo numa casa das muitas que existem nesta vila, a cujo o telhado, na fronteira, quasi se pode chegar com a mão, enquanto que na parte detrás atinge a altura de um primeiro andar vulgar, e que é composta: No rés-do-chão, por uma divisão grande com uma chaminé e um poial, que serve de cozinha e casa de permanência da família; um quarto a que chamam solêro e ainda por um palheiro para recolha dos animais domésticos, sendo o pavimento de terra batida ou de lage. O primeiro andar é constituido por dois sobrados com teto de telha vã, servindo um para arrecadação dos pastos, alfaias agrícolas, sementes, enfim, de tudo o que se relaciona com a vida agrícola da família; no outro sobrado dormem os filhos. Os pais dormem no solêro.

A família que a habita, gente pobre e inculta, é constituida: Pelo pai, trabalhador rural, cuja idade ronda os quarenta anos mas que, no entanto, aparenta ser mais velho, uma vez que atentemos nas rugas profundas que lhe sulcam o rosto e o pescoço e nos tendões salientes. O cabelo, ainda que desalinhado, conserva-o o todo. Não é alto nem baixo e dele emana uma sensação de força física. — Pela mãe, de trinta anos de idade mostrando-se ^{com feição} também envelhecida. É baixa, bochechuda e de traço alegre. Tem a barriga naturalmente proeminente, a anca larga e a perna fina. — Pelos filhos, ou melhor, por uma moçoila de dezassete anos e um garoto serbdio, que conta apenas sete.

Como disse, os termos que emprego — alguns um tanto ou quanto mal sonantes a ouvidos de outras regiões — são aqui utilizados sem o cunho ofensivo que têm noutras partes. É de notar que ^{a par} apesar do uso e abuso dos ^{estes} termos mal sonantes, raramente se ouve pronunciar uma obscenidade. É vulgar, por exemplo, ouvir-se entre dois irmãos desavindos um chamar ao outro de filho de um corno. É claro que o que ele pretende é ofender o irmão e não o pai comum e emprega este calão com o mesmo sentido ^{cair} em que noutras partes empregam o de velhaco ou malandro. De resto, em todo o sul do país é vulgar

o uso destas palavras. Permito-me ilustrar esta afirmação com a seguinte anedota que é atribuída a dois pescadores algarvios:—" Pai e filho andam à pesca num barquito a remos e, a determinada altura, o pai diz para o filho:— Rema aí à vante, filho de um corno...—Ao que o filho responde—Filho de um corno é quem o chama...—E, então, o pai, com ar ameaçador:—Quem é que é filho de um corno?...—o filho, como medo, diz— Sou eu meu pai!

Depois desta elucidação tendente a evitar ^{mal} maus entendidos, entremos na narrativa.

No sino de ótimo bronze da Igreja Matriz, ecba o toque das Trindades convidando a população a rezar, agradecendo a Deus o ter-lhe permitido termina mais um dia de trabalho árduo.

A Maria Rosa - assim se chama a mulher - tenta, em vão, atear o lume a uns "garanhotos" que, por verdes ainda, se mostram um pouco rebeldes. Está de cócoras junto à lareira e sopra. A cozinha enche-se de fumo ^o que a faz lacrimejar e lhe provoca a tosse, a ela e ao cachopo que dormita emriba do artibanco. O lume não quer acender e a ceia está atrasada.

A Lucinda, a filha, foi à fonte e o ~~pai~~ marido, o Zé Bonito, deve estar a chegar do tapado, ~~sem~~ cansado e com fome.

A Maria Rosa entra em solilóquio:

-Tal é o malvade do lume que não há mēi de ardē... Já estou p'ra qui assoprá aquaise há mēi é horé e nã há mēi... Ora a merdē diste...

O cachopo, o António, interrope-a:

- Ó mēi... Tanhe fome... Dêia-me um bocadinhe de pã...

-Jô o lá tans - responde a Maria Rosa- e a cozinhé?... Quem na come, é?...
é?...

O garoto choraminga.

Entretanto ouve-se na calçada da rua o som do rodado de uma carroça em movimento e a Maria Rosa, com os olhos vermelhos, por tanto os esfregar e o nariz a pingar, exclama:

-Elhé... Aí vāim já o tē pai... Nã te quēras calá q'aindē levés algumē p'ro focinhe!

A carroça para, de facto, frente à porta e logo se ouve a voz autoritária do Zé Bonito:

-Aí ó! Mache daquēle cabrã que te vindēi!... Andēa com a mai almé no corpe mas é esturre-te a vidē!...

Estas exclamações do Zé Bonito não traduzem qualquer acção ou simples intenção. É um costume, uma rotina, uma "falessa." O Zé Bonito estima verda-

deiramente o animal, seu companheiro na labuta do pão para a família.

Metendo a mão pelo postigo, abre a porta recebendo em plena cara uma grande baforada de fumo o que o faz exclamar:

- Ió!... Parece o forne do tí Zé Milhane...

Ao que a mulher responde por entre a tosse e muito engasgada:

- É a lanhé que tu m' arranjés. E à cêlé, s'ela nã quizé ardê, hás-de comê pãias ... E o pió e qu'aindê onte caíê a cozinhé todê e já ficou tude nêgre outra vêz.

Ora aí está... O principal motivo da sua má disposição, o que mais a amofina, é o facto de o fumo lhe enegrecer a casa.

Por mais pobre que seja, a mulher alentejana é esmeradíssima no que respeita ao ^{estado} assêdo do lar e, sobretudo, na sua caiação a branco. Desta qualidade resulta o aspecto limpo das cidades, das vilas e das aldeias alentejanas, sem necessidade de medidas coercivas por parte das autoridades, o que ^{nas} sucede em algumas terras que se julgam centros de turismo apenas porque, em determinada época do ano, põem nas ruas um touro aos pinotes.

A propósito, ocorre-me contar o seguinte episódio que me sucedeu algures na Beira Baixa: " Num pequeno povoado composto por casas de pedra negra e sem rebocos, numa elevação, despertou a minha curiosidade um conjunto de habitações que contrastava com as restantes pelo arranjo exterior e, principalmente, pela sua brancura. Este facto, por estranho naquelas paragens fez com que eu não resistisse à tentação de perguntar que casas eram aquelas. Foi-me respondido, com manifesto ar de desprezo, que aquelas casas eram dos alentejanos.

Julgando ir encontrar patrícios, pelo menos da provincia, dirigi-me às tais casas, ditas dos alentejanos- e fiquei surpreendido quando os moradores me esclareceram de que não eram alentejanos, mas sim naturais da localidade, mas que todos os anos iam ao Alentejo, por ocasião das ceifas, de onde trouxeram a hábito salutar de caíarem as suas moradias."

Eram, pois, daqueles esforçados trabalhadores beirões que na época própria descem até ao Alentejo a fim de ganharem o pão que hão-de comer pelo ano fora e aos quais nós chamamos os (ratinhos).

Recordo ainda com saudade os tempos em que eu, menino ainda, os vias chegar em grupos, com o avio ao lombo de burros inteiros, por entre o alarido da rapaziada, que os recebia com simpatia, e o zurrar continuado desses burros excitados pelos cheiros denunciadores da proximidade de fêmeas aluadas.

Neste interim, o lume ateou, a panela já chia e dentro em pouco estarão cozidas as batatas, principal alimento da gente alpalhoeira. Para cima, a servir de segundo prato, uma sardinha inteira para o pai que trabalha mais e metade para cada um dos filhos e para a mãe. Depois... Uma paneça de água refrescada nos cântaros de barro fabricados pelos artezãos de Nisa.

Desengatado o macho, o Zé Bonito trouxe-o pela rédea através da cozinha em direcção ao palheiro que, como vimos, fica ao lado do solêro nas construções antigas ~~antigas~~. Ao atravessar a cozinha e antes de chegar ao palheiro, o animal - sbcede quâsi sempre assim - evacuou. Isto deu origem a nova manifestação de mau humor da Maria Rosa que exclamou:

-Tal é o cabrã do mache que vãim da rué cagá drẽinte de casé!... Ora o ~~cxbrã~~ o cõrne

E vai E procura da pá e da vassoura para proceder a imediata limpeza da parte conspurcada não se vá dar o caso de entrar alguma vizinha que, se visse a suidade, não deixaria de censurá-la.

Enquanto a Maria Rosa prepara a mesa para a ceia - o que se resume à colocação de uma toalha, uma colher para cada comensal e a uma bacia no meio - o Zé Bonito, enquanto ~~se~~ lava, interroga-a :

- Atã a cachopé ?

-Sê lá ... Foi à fonte - respondeu a Maria Rosa, que logo acrescentou - Aquela puté já abalãei à que tãimpe e nã hã mõi de se vi

-Pous é - diz o Zé Bonito - uma pessoa anda lá do campe à machucá e tu ficas cá im casé à sombré e nã vês nadé. Mas olhé que vai havê a diabel ...

-O qu'estás tu p'raí a ladrá ?... Quês conversé? Olhé que se tu vãs aborrecede, è tamãim cá estou arraladé com a puté da vidé. Foi à pracé p'ra vindé os repõlhes que me dexaste e havié lá tantes que só faltêi dá-nos de gracé. É milhó, im lugá d'estás p'raí a aldiagá is mas é pinsande im botam os pés a caminhe do mercade de Portalegre.

(de notar o emprego da terceira pessoa do singular do verbo ir quando devem empregar a primeira e vice-versa)

A lamúria da mulher não impressiona o Zé Bonito. A parte económica dos casais é encargo da mulher e o homem entrega-lhe to-do o dinheiro e vai-o pedindo à maneira que necessita para os negócios ou para os gastos próprios. E o Zé Bonito continuou.

- É o que te digue... Soçi-me qu'ela namoré o Salsé.

- O quê!... O António? O filho do ti Zé Ráspadinhe?... E que namorassé? Elé nã tãim já idade p'ra isse?... E ôle, nã é bom rapaz e trabalha dê?... E cante a tês... A horté aindé é dêles e, alãim disse, é filhe úna-que... Tãim más ca outras, que adim atrár delé que, se calhá, de agradim más, mas que nã sã nim comparaçã...

- Pous é... Mas olhé que vai aqui havê o diabe ...

Exageros... O certo é que ao Zé Bonito não desagrada o interesse que o Salsa tem pela filha. De resto, os namoros são sempre preparados após o beneplácido da família e com o sentido no que cada um tem. E isto é vulgar: Uma vez o namoro arranjado, os pais, mas sobretudo as mães, começam a dar-se muito bem, vizitam-se ~~a~~ ^{am}ciudadamente e dão-se mimos. Se, porém, ^{surte} aparece qual-quer desaguisado entre os nambrados, zangam-se, insultam-se, alcunham-se dos piores nomes, etc. Se o namoro se restabelece, tudo volta à mesma. Enfim, é a vida, sempre orientada por cada qual no sentido dos próprios interesses, egoisticamente.

Os nomes, Salsa, Ráspadinho, Bonito e outros que aparecerão, são simples ~~xxxx~~ anexins. Nesta região é hábito conhecerem-se as pessoas por nomes postos fora da pia baptismal e, talvez, com certa razão pois é costume ^{tratarom} ~~xxxx~~ se pelos nomes próprios, entre os quais predominam os de João, José, Joaquim, António e Francisco e seria difícil a identificação das pessoas apenas pelos nomes próprios. Dos anexins, alguns chegam a ser adoptados. Foi o que ~~se~~ aconteceu, por exemplo, com as famílias Grilo, Capelão e muitas outras.

E a ceia está pronta.

A Maria Rosa, depois de ter cozido as batatas, cortou-as em pequenas lascas que foi deitando na bacia que se encontra no meio da mesa. Seguidamente adubou-as com duas colheres de sopa de azeite, um pouco de vinagre, uma cebola picada, dois dentes de alho, água fria e sal. Chama-se a este manjar batatas de salada - de saladé, como dizem.

E dizem:

- O comê está pronto!

Todos se sentam sempre no lugar que ^{facilmente} ~~tãim~~amente foi estabelecido.

Não há pratos individuais. Todos comem do mesmo barranhão - da mesma gamela, como dizem no Norte do país (este costume anti-higiênico, tem sido ~~xxxx~~ ^{abolido} a pouco e pouco).

Uma vez ocupados os lugares do costume, ficam em silêncio ^o ~~o~~ início da refeição ^{xxxx} ~~xxxx~~ (ovelha que berra bocado que perde) e vão comendo, mastigando pausadamente, numa manifestação de delicadeza natural e deliciando-se com a refeição frugalíssima. Se adrega algum levantar-se, por exemplo, para beber água

todos os outros, instintivamente, colocam as colheres encostadas à bacia e aguardam que regresse, para voltarem a comer. Se a refeição tem caldo (chamo refeição à sopa pois o resto é apenas um complemento) o costume é o seguinte: o pai, pega com ambas as mãos na bacia, leva-a à boca e, pelos bordos, bebe o que entende. Depois segue-se o resto da família. Isto sucede, por exemplo, quando é açorda, mas a açorda à alentejana; constituída por pão cortado aos pedaços, azeite, alho, coentros e água fervente e não a miga com a qual é confundida fora do Alentejo.

Ingerida a sopa - sempre substancial por ser o único prato - segue-se o resto, ou seja, o pão com o conduto, o qual é constituído por um pequeno naco de toucinho cozido, frito e por vezes cru.

É muito frugal a gente da minha terra: o pobre, o remediado e até mesmo o rico. As refeições são tomadas para viver e não como único objectivo da vida. O vinho não entra nas refeições e a carne fresca apenas entra na casa dos menos pobres e, ainda assim, somente nas quintas feiras e nos domingos e sempre em pequenas quantidades. Ninguém passa fome pois todos têm, uns mais outros menos, feijão para todo o ano, grão, batata, enfim, os géneros de primeira necessidade. O uso do café é ainda relativamente recente e só se generalizou a partir da última guerra, poucas casas havendo actualmente onde não seja tomado pela manhã.

Quanto ao vestuário, sobretudo o homem camponês, durante a semana chega a apresentar-se andrajoso (isto justifica-se em razão da natureza do trabalho que executa), mas para os domingos e dias assinalados, todos têm fato e calçado decente para envergar.

O nível de vida, quanto a alimentação, é muito baixo. Mas, no que se refere a vestuário, habitação e aconchego do lar, na generalidade, pode classificar-se de suficiente quando posto em confronto com o de outras regiões, nomeadamente os arredores de Lisboa onde se verifica que o homem do campo consome o que ganha no que come e, sobretudo, no que bebe.

As mulheres, pelo menos enquanto solteiras, vestem bem e, na maior parte dos casos, para além das possibilidades pelo que, não poucas vezes, sacrificam o estomago para poderem luxar. Não há rapariga em Alpalhão, por mais pobre, que não tenha a sua peça de ouro e na classe remediada o valor, em ouro, que levam quando casam, ascende, muitas vezes, a duas dezenas de contos de réis.

A rapariga que se emprega nos trabalhos rurais emigra, periodicamente, em busca de melhor recompensa no trabalho, sobretudo nas épocas das mondas e da apanha da azeitona¹⁾ formam-se grupos a que chamam os ranchos os quais, sob a direcção de um manageiro, vão para as regiões onde as safras são mais

1) Apanha da azeitona e azeitonas

prolongadas e o trabalho melhor remunerado. E por lá andam, consumindo como único alimento, a "fatada" que levaram de casa com o intuito de poupar ao máximo o que ganham, algumas havendo que, para não dispenderem dinheiro em legumes, comem umas ervas de nascimento espontâneo a que chamam saramagos. Trabalhando de empreitada, sem olhar a horas ou descansos prolongados, no fim da empreitada trazem amalhados alguns cabedais para gastarem totalmente na aquisição de um fato para o entrudo e outro para a Festa em honra de Nossa Senhora da Redonda, romaria que tem lugar na segunda feira a seguir ao Domingo da Páscoa e se realiza numa ermida situada a três quilómetros da vila.

Falei nos ranchos de rapazes e de raparigas que vão trabalhar fora da terra

Qual o Alpalhoeiro que, em menino, não viveu a alegria da chegada dos ranchos ?... Os lavradores contratantes, fazem transportar esses jovens em ^{carros} carroças engalanadas e tiradas pelas suas melhores parelhas e entram na vila a trote largo e atravessam-na, com os do rancho de pé a cantar, a plenos pulmões, as últimas saias (lindas modas ~~antigas~~ do folclore alentejano de autores desconhecidos), os rapazes acenando com os chapéus de aba larga e as raparigas com os lenços ^{que levam} da cabeça. O alarido é enorme e faz vir o povo para a rua e toda a gente se sente contagiada por aqueles cantares alegres. O rapazio, corre à frente e atrás dos carros e os familiares e amigos dos que chegam vão os acompanhando, mais de perto ou mais longe consoante o fôlego de cada um. Os carros dirigem-se, por fim, para a casa do manageiro e aí termina o cortejo. Os do rancho, leitos, saltam dos carros, elas com as saias atadas a servir de salça à maneira alentejana. Entretanto, muito cansados pela correição, vão chegando os amigos e os familiares que logo começam a dar largas ao seu contentamento e têm lugar os cumprimentos feitos em alta gritaria:

- E Marié, vãs gordé de mais ... Bãhim lá p'ró ou ca puta tãim ... Umé queza assim !...

- Vilhó! É do trabalho... O trabalho inté dá saúde à jãinte ...

- É primé !... Dá cá um abraço magané... Créde ! ... Pracia que nunca más se criim vi, mē Dês ...

Mais uns abraços, muitos cumprimentos, perguntas ^{à cerca} pelos avós, pelos irmãos mais novos, pelas namorados e termina este quadro alegre que é a chegada de um rancho.

Mas voltemos à família do Zé Bonito, que deixamos a ceiar.

Finda a ceia a Maria Rosa ^{deitou} tirou a mesa e todos se sentam junto ao

lume,

O Zé Bonito espevita o lume o fogo, enrela um pouco de tabaco duque numa mortalha labasco e entrega-se aos seus pensamentos. O cachopo faz freiras (frieiras, como dizem) fazendo estourar o milho com o calor do lume.

A Lucinda conversa com a mãe :

- E mãe ... Ai Se vissa a minhe primé cande o António passouí onte à fonte e me disse : Adês Lucindé !-ai... Até se pôs vermêlhé que nim um pimentã. Ai cachopés ... sãimpre me dê umé vontade de ri ... Aquil é que sã inrosnéis

- Dêxa-na falá. Elé, é com'á mãe delé que sãimpre foi umé invejosé.

- Vãmes lá a calá sim !... Nã é precise está a dzê mal de ninguém -
-interropeu o Zé Bonito que não gostou de ouvir falar mal da irmã, porque sabe muito bem da animosidade que sempre existiu entre elas desde o tempo de solteiras.

E a Lucinda continuou depois de se ter assoado ao avental :

- Clarã ... E fiz-me desprecebidé e continuê a esfregá o cântaro. E vai daí, ouvi a Ohica Mirrada dzê p'ra minhé primé :- "Jaquiné , o Saãse" já nã dá a salvaçã a todés... Já diz só: Adês Lucindé ...- e ~~xxxx~~ ri-se. Subi-me cá um calô ... Mas o calade é o milhó. Nã é mãe?... E podia-le tê dite: Eve lá : O rapaz nã pôe falá a quem qué? Alãim disse ele nã tãim nadé comigue, nã foi é que me pôs vermêlhé, pous nã?... Atã já vãim...

- Dêxas ladrá. O quélés tãim é invejé. (e mudando de tom). Mae ouve lá:êle já te falêi ?...

- Bãim: dê-mo a intãindê no último balhe, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ nã he respondi, Dês me livre... Este é o sigunde balhe. S'êle me falá outra vês, ê rio-me mas nã digue nadé; nã é mãe?... P'ro outre balhe, que já é o torcêro, é que l'acête.

- Pous ... E põe-le o brace e trançá.

Como se viu, o Zé Bonito não interveio na conversa. Limitou-se a ouvir arrotando de vez enquanto, *on fazer provocação pela cebola que caiu à ceia.*

O homem não se mete nos assuntos das mulheres a não ser para impôr o respeito.

E como o cachopo já tivesse adormecido encostado à perna do pai e já fossem nove horas, o Zé Bonito disse:

- E reparigué... Vai detá o cachopo. E tu (dirigindo-se à Lucinda), vai p'ra ribé e vêi-me se nã andés com os cornes no á.

- Boa noute-diz a Lucinda subindo para o sobrado e após ter beijado a mão e pedido a bênção ao pai e á mãe.

Antigamente era hábito o mais novo dormir aos pés da cama dos pais.

Por isso a Maria Rosa, entrou para o solêro com o cachopo às "traonchas".

No diálogo entre a mãe e a filha faz-se referência a um costume local no que se refere a namoros e que consta no seguinte: Depois da concordância das famílias e de terem trocados uns olhares, o rapaz deve pedir o namoro à rapariga. ~~Esta~~ Esta, porém, só ao fim ~~de~~ ~~de~~ de por três vezes lhe ter sido pedido o namoro é que deve aceitar pois se o faz logo às primeiras vezes, não parece bem. Quando nos bailes, os assistentes, seguem com todo o interesse estes preparativos. A rapariga deve andar muito aiada, aparentando desinteresse e não deixar chegar muito o rapaz. Se alguma não procede assim é certo e sabido que, nos intervalos quando vai sentar-se no colo da mãe é por esta repreendida e com a repreensão sempre se mistura um beliscãozinho.

Entretanto chegou o Domingo.

É dia de descanso e, principalmente para as mulheres, é dia de Missa. Para as raparigas além da Missa haverá baile à noite.

Neste dia da semana, logo pela manhã, muito penteadas, orgulhosas dos seus grandes rolos de cabelo, muito escaroladas vaidosas com as suas blusas e saias rodadas, lá vão, em grupos, para a Igreja. Se adregam a passar pelo namorado, mesmo nos casos de namoros já adiantados, não o cumprimentam e nem tão pouco para ele olham, pois isso não seria bonito. As conversas são as conversas ~~triviais~~ triviais entre as mulheres novas de todas as latitudes: Os bailes e os namorados.

A saia rodada, tão típica, tem caído em desuso e, quanto ao cabelo pouco faltará para que o seu corte se generalize. Pelo menos as raparigas que casam e vão viver para as cidades, têm logo essa preocupação: Cortam o cabelo e trocam a saia e a blusa pelo vestido e pelo casaco de cortes modernos. Mas, enfim, aquelas que vão viver para outras terras é como o outro - cada roca com seu fuso - mas as que vivem em Alpalhão é pena que adoptem esses modernismos pois o traje regional constituía um precioso elemento corográfico.

Aos Domingos, os homens, sobretudo os rapazes novos, em mangas de camisa ou apenas com o colete enfiado num dos braços, andam pelas ruas agarrados uns aos outros cantando as saias da época, dando guinchos e pinotes (ultimamente, mercê de um melhor policiamento acabou-se com este espectáculo pouco edificante sobretudo aos olhos dos estranhos), entrando nas tabernas nas quais bebem vinho profusamente. Os já casados frequentam as tasca da vizinhança e entretêm-se a jogar o vinte, a beber vinho e a comer tremoços cozidos. Sendo assim, quando chega a noite a maioria estão embriagados.

Não se lhes pode, porém, levar isso a mal pois constitui a única regalia numa terra onde não há distrações, para quem durante toda uma semana trabalha afincadamente. No entanto, mesmo debaixo da acção do alcool o alpalhoense, não perde a sua ancestral passividade. São rudes, mas são bons.

Terminada a Missa é chegada a hora do almoço.

Antigamente havia três refeições principais durante o dia: O almoço, cerca das nove horas; o jantar, por volta das quinze e a noite a ceia. Actualmente raras serão as casas onde é seguido este regime que começou a cair em desuso logo que o consumo do café se vulgarizou.

Chega a noite que é esperada com ansiedade pela gente nova e até pelos mais velhos, por causa dos bailes nos quais, uns a ver e outros a dançar, todos se divertem muito. Os bailes realizam-se nas sociedades. Há três sociedades em Alpalhão na frequência das quais podemos ver definidas as três classes sociais do meio: Os camponeses, os artistas e comerciantes e os ... (chamemos-lhes assim) intelectuais e proprietários.

Entremos numa destas sociedades em noite de carnaval.

Nesta quadra, as raparigas ~~xxxx~~ vestem um traje que é usado em Alpalhão e também, ultimamente, na vila de Nisa.

Tenho ouvido dizer que os de Nisa têm procurado avocar para a sua terra as honras de darem o nome a este conjunto. Ora isso não é justo. Se é certo que foi uma nicense -minha mãe- que criou a indumentária, não é menos certo que foi em Alpalhão que essa criação se desenvolveu e as raparigas de Alpalhão as únicas que, ~~durante~~^{há} muitos anos, o têm usado e só muito recentemente as raparigas de Nisa o adoptaram. que se lhes chame "traje de Nisa" por ser a sede do concelho e, por isso, localidade mais conhecida, não me custa a aceitar desde que seja feita a necessária rectificação.

Compõe-se este vestuário de um lenço de merino bordado a seda, à máquina, em matiz; uma saia de casteleta com enfeitos de flanela recortada; um avental pequeno, também bordado a seda e uma algibeira, igualmente bordada. Todos os anos as bordadoras (que agora são muitas) desenvolvem grande azáfama na escolha dos motivos que hão-de constituir os desenhos, todos eles à base de flores. Esta escolha, de acordo com as fráguesas, é feita guardando-se o mais absoluto ~~maxima~~ sigilo. Isto dá lugar a que, consoante o gosto e a habilidade da artista (pois de uma arte se trata), surjam verdadeiras obras primas de policromia em flores primorosamente executadas constituindo ramos ^o lindo este traje. Dos mais lindos do país, a-soltos ou sainda de um cesto.

firme ! Quando, nos intervállos, as raparigas à volta da sala no colo das mães, afigura-se-nos um jantar paradisíaco a que empresta muita beleza o refulgir das peças de ouro que, umas mais, outras menos, mas todas em grande quantidade, trazem em volta do pescoço e cobrindo-lhe o colo.

Mas nem só os bailes de carnaval despertam o interesse da população e compreende-se : Nos meios rurais - Alpalhão é um meio rural por excelência - cujas ocupações, além dos afazeres quotidianos, se resumem a umas conversas ao serão junto das lareiras; a falar na vida alheia e, quase sempre, focando o seu pior aspecto, o baile é um acontecimento que todos anseiam e, por essa razão, é aguardado com muita expectativa. E, é assim que ainda dias antes da sua realização, sobretudo as raparigas, começam a pensar no fato que irão vestir, no lugar da sala que mais convém, nas companhias que se desejam, nos namoricos que se vão arranjar, nos que se vão desfazer etc.

É sobre este mágnio assunto que fomos surpreender uma conversa entre a Maria Rosa e a filha:

- Ó mãe ... Que fato vou levá o balhe ? ...
- Que vás levá? Se lá fôs ... Tê pai andé de trombés e o mas certe é nã pôs lá os pés ...
- Esse sabe-se ... Farte-me de trabalhá e uma vâz cá um balhe nã hê - de di lá.
- E sê cá ... Talvez seja milhó tu levás a saíé cardinal e a blusé de crepe estampade ...
- Esse sabe-se ... O que levê o balhe d'Ascensã, nã ? Antes nã quere lá di. ~~Na~~ ^{na} lê ... umá cousa já tã visté ... Leve mas é o vestide da Festé!...
- O quêi ... Elh'ê estragaderoné ... Só me dá ^{ganás} ~~vantagã~~ de t'arrepelá, puté!... Estragaderoné que nunqué hã-de tê nadé que gête tãnhé !

Por fim a filha acabará por ir ao baile e levar a vestimenta que lhe aprouver, com satisfação da mãe que não quer, de maneira nenhuma, que a filha fique atrás das da sua condição.

De resto o Salsé muito disputado entre as raparigas do meio.

Chegado o almejado dia a ceia é rapidamente engulida e tudo vai para as sociedades.

No baile, os rapazes ^{reunem-se de novo lado da sala} ~~reunem-se de novo lado da sala~~ e as raparigas, sentadas no colo da mãe ou de qualquer mulher da família, ocupam as cadeiras junto das paredes. ^{tal} tal o entusiasmo que, mal a pessoa encarregada da música faz o mais ligeiro gesto, logo os rapazes se lançam, em tropel, cada qual direito aque la que préviamente escolheu para seu par. Se se dá o caso de dois rapazes che-

garem, simultâneamente, junto da mesma rapariga, esta, ainda que preferisse um ao outro, não vai dançar.

Quando as raparigas se levantam e, junto ao par, aguardam que a música saia da sua parte introdutiva, a mãe compõe-lhe o vestuário. Seguidamente a rapariga pega num lenço de algibeira, em regra bordado, que entrega ao rapaz a fim de este o colocar na palma da mão direita para assim evitar o contacto directo com a blusa.

Este hábito tem a sua razão de ser apesar da mofoa que lhe fazem os forasteiros porquanto, tratando-se de gente de trabalho, das calosidades sai sempre certa humidade que ~~mancha~~ mancha os tecidos, por muito que as mãos tenham sido lavadas.

Durante a dança, a rapariga ~~não~~ não deixa que o rapaz se chegue muito a ela fazendo certa pressão sempre que se torne necessário. É claro que, quando elas querem, esta defesa não serve para nada nem ilude ninguém, inclusivê os assistentes que, como também já por lá passaram, sabem como a coisa se faz.

As mulheres espectadoras não escapa pitada do que se passa entre os pares. Assim, sabem quando os namorados andam amuados ou bem dispostos. Sabem os namoros que se arranjam e os que se desfazem, etc.

Nos namoros, é o rapaz que mantém a conversa limitando-se elas a responder por monossilabos.

Vamos seguir o nosso par: a Lucinda e O António Salsa e não nos esqueçamos de que esta já é a terceira tentativa. // Lucinda está uma linda morena de cabelos muito negros e longos e naturalmente ondulados. Os olhos, são duas azeitonas guarnecidas por sobrancelhas expensas e pestanas longas e reviradas nas ^{pontas}. A sombrear-lhe a boca, um pequenino ^{bico} que lhe dá muita graça. O peito é alto e anteva-se rijo. É o que se chama uma bela moça.

Mal o encarregado da música reflete a intenção de a por a funcionar, o António avança direito à Lucinda. Os outros, conhecedores da situação não lhe fazem barreira e, assim, ele chega junto dela com facilidade. A mãe da Lucinda dá-lhe os últimos conselhos enquanto lhe alisa a saia:

- Agora nã quêrés andá sêra e põe-te a arraganhá. E êlhé a tranqué ...

- Bom, já se sabe - responde a Lucinda vermelha que nem pimentão e entrega o lenço ao ~~par~~ par.

Principiada a música, os pares enlaçam-se e os nossos heróis sentem o peso de todos os olhos que neles se fixam o que os faz sentirem-se pouco á vontade.

O Salsa já fez, mentalmente, várias tentativas para iniciar a conver-

sação mas nenhuma lhe pareceu oportuna. E assim termina a primeira música

Os rapazes largam as moças logo que termina a moda ~~XXXXXX~~ e no lugar em que se encontram quando ela termina e depois dirigem-se para o bufete, enquanto que as raparigas vão para junto das mães.

No bufete os amigos do António divertem-se com ele :

- Até, Tone ... Tohi ... Se fossa comigo ... Faz-le cocógas - diz

um

- Ingana-te no passe e arrima-le um beje - aventa outro.

O Salsa sorri, paga uma rodada e ele próprio bebe um copo para tomar coragem.

Toca nova música:

O António, que em cima do tinto bebera uma ginja das grandes, resolve-se e começa:

- Até ?...

- Até o quêi?...

E voltam ambos a ficar calados.

Repete-se a cena anterior e, junto do bufete, novos comentários.

- E pá, pisa-na ...

- Canta-le a canção do bandido ...

- Faz-le olhes bonites ...

E o Salsa já aborrecido :

- O nomes, isse é comigo, carago !- E dando-se ares de sabido, paga mais uns copos.

Toca nova música.

É uma moda rasteira. O António resolve-se agora a levar as coisas até ao fim:

- Até ouve lá, o que é que respondes ?...

~~XXXXXX~~
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

- O que responde o quêi? - Diz a Lucinda cada vez mais vermelha.

- Nha lé !... Se sim ou não!...

- O que quês que respondé ?... O que tu quês é brincá mas é não estou p'ra brincadêrés ...

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

- Não vanhe nadé p'ra brincá. De más sabes tu qu'ê goste de ti desde os tãmpes da escolá ...

E a conversa continuou tendo a coisa ficado arranjada.

Entretanto as mães, nos lugares, muito inclinadas uma para a outra cochicham, e nós vamos cometer a indiscrição de ouvir.

Diz a mãe do Salsa :

- Ôlhé ... Só agoré é ~~quê~~ ^{quê}le sástrevei... Ai o cabrê do cachope, invergonhade que me saf ... Cá a mim nã é, nim o mē... Ôlhé quem ... Aquêle malvade, ainda só me ~~xxxxx~~ falavé havia dous mēses e, andande a jãinte a trabalhá p'ro snhê/Silvêré, cande ê foi bobê aguê o monte, escondêi-se atrás dumêporté e, cande ê ia a passá, ~~xx~~ bumbé. Arrumêi-me um apalpê do ou.

Riram-se e a Rosa, por sua vez, contou:

- Aquile é tamãim dolé. Nã vêa a cõ qu'elê tãim, vermelhissemá ? ... Ôlh'ê magané invergonhadé que me saf ... Já hã dous diés que andamen a éscolhê bataés p'ra semãinte e elê nã fazié senã andá a caminhe do palhêre, até quê le disse: ê mulhé, o candêa tu sãimpre a caminhe da palhêre ? Cande elê me rispndêi : Tomé! ... Agoré já nim umé passoé pode di mijá. Ai a magané... Aquile aré do nirvose ...

Acabado o baile cada um regressa a sã casa. ~~xxxxx~~ Nos namoros mais Antigos o rapaz acompanha a moça a casa (ouvi dizer que a implantaçõ da luz eléctrica fez perder muito do sabor dæste passeio ...)

Passaram-se alguns dias e, como vamos vêr, o baile deixou o seu rescaldo de mau humor motivado por um pequeno desaguisado que surgiu entre a Maria Rosa e a Joaquina da Rita, ambas do mesmo tempo e com filhas casa-doiras.

Foi o caso que a Joaquina da Rita foi um pouco mais cedo para o baile e apanhou o lugar que era hábitô ^{alocada} gar ocupado pela Maria Rosa e fê-lo ^{com} maldade.

A Maria Rosa, ao chegar, disse à Joaquina:

- E Jaquiná. Nã sabea qu'esse é o mē lugá ? ...

Ao que a outra respondeu sem a olhar:

- Aqui nã hã lugás marcades. Q'ãim promero vãim promero s'assãinté!...

- Nã hã mas é costume ...

- Ê nã quere palêi ...

- Hãa-de sê sãimpre a mêmé bêsté ...

- Bêsté éa tu ... Ôlhé a caldunêrá ...

- Caldunêré éa tu... Ôlhim a trapalhoné. Se já se vi umé cousé assim!...

- Pêque barulhe !.- Exclamou o mestre sala.- Aqui nã se querim brigués.

Q'ãim quisé brigá, que vá lá p'ra rué !...

Mercê desta intervenção oportuna os ânimos acalmaram e no baile nada mais se passou.

Porém, passados dias'naq'fonte, A Maria Rosa contava a uma amiga a sem reparar que, enretanto a outra partida que lhe fizera a Joaquina da Rita.

havia chegado e, como ouvisse, interrompeu a certa altura :

- ~~Hã~~-de contá come as cousés se passarim!

-Ai setás aí?- notou a Maria Rosa- Aindá milhó pous nã estou a dzê rintirés...

- Ai isse sã verdades,nã?... Nã hã reste de dúvda ... Nã me fizeste já o mêmeme ? Tinhas que m'as pagá...

- E...E é que te fiz p mesme ? ... Até tinhé nonje ...

- Sim, fizeste!

- E?...E mulhé, q'ãim diz isse diz tude ...

Sim fizeste.Fizeste,fizeste,fizeste !- afirmou a Joaquina ao mesmo tempo que batia com a mão direita na ^{mão} nádega esquerda. E continuou:

- Foi na balhe da Snhêrã d'aqui hã dous anes!

Ai mulhés...Sê reparê dumé cousé dessés ... Tu és ordinára,mulhé e todés as q ca qui estã te conhecim munte bãim ...

- P'roquêi ?... Sim,p'ro quêi?... Sou algumé má mulhé ? Sim,diz lá!...

- Ningãim te disse isse,mas és umé brigoné que adés a mal xp com todés as da tué rué.Toma lá qu'és p'ra'prindês!

As coisas começavam a azedar-se.

E de notar que nenhuma das espectadoras intervém na discussão e continuam a enxaguar e a encher os cântaros quando chegadas as respectivas vezes.

∕ E a Joaquina, já mais erritada, respondeu:

- E?... E é que ande a mal com as minhés vizinhês?...êlhim a bandolêroné... A tué derramaçã sê ê cal é,mas hã-de me mas é metê as vãintés aqui.
-E,enquanto dizia isto batia com a mão na nádega.

- Atã cal é a minhé derramaçã,inredoné ? ... -E ao dizer isto avançou para a Joaquina e ambas se agarraram pelos cabelos.

Só nesta altura as assistentes intervieram para separar as contendoras, ao mesmo tempo que iam comentando:

- Dêxim-se disse ...

-êlh'ã vergonhé...O alvoroce que aqui vai ...

- Tã amigués que érim ...

- Tude iste é p'ro via dos namores das filhês ... Dêxim lá que nã fiquim soltêrés ... O que más hã sã fandangues e tãim munte tãimpe de se desgraçá ... Dêxim qu'êles sabim bãim onde elés 'stã e nã e precise andarim a metê-nas à frãinte ...

Acalmados os nervos,formam-se grupos que vão dispersando com os cântaros à cabeça num equilíbrio absolutamente estável,cada qual comentando a discussão a seu modo,mas todas muito satisfeitas por lhes ter sido dado assistir ao pratinho tanto do seu agrado.

Reparemos que nas conversas amigáveis são empregados aqueles termos a que me referi a princípio, mas, nas discussões não os empregam pois nesta altura já haveria maldade e teriam o seu verdadeiro significado.

Os trabalhos no tapado do Zé Bonito encontravam-se agora parados e ele, trabalhador como é e com o sentido ^{de} de melhorar a economia do lar, resolve ir à praça para ocupar uns dias, por conta de outrém.

O ir à praça, significa ir ao local onde os trabalhadores desempregados se costumam reunir pela manhã a fim de aí serem contratados pelos que necessitam dos seus serviços. O contrato resume-se ao conhecimento do serviço e ao estabelecimento da jorna e é firmado com um cálice de aguardente pago pelo patrão.

Nunca foi das minhas simpatias este costume ^{que} usado em todo o Alentejo. Afigura-se-me assim como que os antigos mercados dos escravos. Na mostra (envolta da praça), encontram-se os rurais e os patrões no centro vão passando em revista e escolhem os que julgam melhores - que se encontram, como é natural, entre os mais novos no caso de trabalhos não especializados. Assim, estes vão sendo falados pela ordem da fama que têm na execução dos diversos serviços e, por fim, restam os mais idosos que, também com família a seu cargo, ou ficam desempregados ou têm que sujeitar-se a um jornal menor.

Isto sempre foi motivo de mágoa para mim. Não está certo que um indivíduo que todo a vida trabalhou e foi útil na arte que aprendeu e, no caso dos rurais, arte cuja principal ferramenta reside no vigor físico, quando, obedecendo às leis da natureza, essa ferramenta se desgasta, tenha como reforma unicamente a possibilidade de andar de porta em porta a pedir esmola ao amor de Deus ou, então, sujeitar-se ao amparo dos filhos, todos pobres também regra geral, andando da casa de um para a casa do outro, comendo umas sopas, quase sempre muito choradas pelo conjugue que não é filho e não tendo uns cobres para o seu cigarrito, companheiro que muitos suores lhe viu correr pelo rosto. É um caso que tem merecido ultimamente a melhor atenção do Governo e, estou certo, as coisas hão-de melhorar de maneira a que do rural desaparece o espectro da miséria na velhice.

Mas voltemos ao Zé Bonito:

Com fama de bom trabalhador e ainda na pujança física, facilmente arranjou patrão. Falou-lhe um lavrador para o serviço da cava da vinha. O preço da jorna é de vinte escudos.

Bebida a aguardente, foi buscar a ferramenta adequada e mete-se a ca-

minho com um grupo destinado ao mesmo trabalho e entram logo em conversa:

-É gaita!... Está frio de maió ... E nã é tãimpe p'ra isse ...

-Nha lé : Ainda esta manhã o mē cochope, que drome p'ros pés, chamei a minha p'ra no aconchegá ...

-É verdade, nim a gente pode andá im manguês de camisa ...

-Heve lá, ó tu ?! Conheces a vinhê d'este? Cantes diês grá dará iste ?

-Conhece ! É af obrê p'ra uns quinze diês p'ros homes que af vã.

-P'ra quinze ó p'ra más ... A jãinte tamem nã está p'ra se matá, ou...ou...

- diz um dos que já tem um bafozinho revolucionário apanhado lá para os lados de Lisboa por ocasião das gadanhas, e continuou- A jãinte vai ganhá vinte mil réis, nã é ?... Dêta-le contês: P'rá rãindê da casê, podes tirá-le três e quinhãintes ... Vejim lá s'ê com dezassês e quinhãintes que a jãinte vai comê e vestisse e calçasse, com umê ranchoadê de filhas...

-E ainda p'ra más-diz outro-agorê murtim os cãndim descalces ...

-Pous-continuou o orador - e ainda se ouvesse trabalho todes os diês, mesmo com este pouque a jãinte s'ia governande...Mas o quêi!... A metade do tãimpe ane leva-se de lombe derete ...

- Tudo isse está bem - intervem o Zé Bonito - Mas heve lá: Com'ê que os homes andim dá más assim com o prêce p'ro que le paguim os gernes ?...

-Tana razã pous - diz outro - os que produzim sã os que menos recebim.Os do mēi é que no ganhim tode. Quem comprê p'ra comê, paga-no bãim...Tamem é vê-los pulá...Nã aparece prede nia um a vãindê que nã seje logue deles

-Ora! Dexim lá.Toda a vidê assim foi e hà-de sê...

-Até um diê...- concluiu o orador com ares enfáticos e misteriosos.

Em grupo ~~apartem~~ os mais novos têm outros assuntos a tratar:As cachopas. E um começa:

-E pá: Af a irmã do Zé Negro está boê de maió!...Onte foi balhá com elb... Espetêi-me aqui os pêtes que p'raciim duês pedrês ...

-Tchista cã -intervem o Zé Negro - aquêlê nã é p'ros tês quexas ...

Todos se riram .

-O Zé Brute: Oví dzê que andê atrás da Mariê do ti Jacaré Brabe ?-Diz um.

-Atém elb liga-le, diabe... intervem outro.

-Ève lá, ó Gimente, e s'andassa? Se calhá nã sou home p'ra elb, nã ?-Responde o atingido.

*Malta: cal e' como cal e' de que a família avacala
na nobreza? - e' a verdade.*

-Lá sê,ês!... Mas elê é que nã vai nisse ...
-Isse é omigue - remata o Zé Bruto. /

Já no trabalho, cada qual procura fazer o suficiente para que o patão não fique desgostoso.

Perto anda um rancho de raparigas a mondar. Os rapazes dão por isso e logo um lança ao ar obrado de ^{debrápio} ~~gurrá~~, que consiste num grito gutural que lembra o relincho do cavalo. Tanto basta para alertar o grupo das moças e não tarda a ouvir - se uma voz bem timbrada a cantar, em ritmo de saia alentejana:

Andim uns burres aqui perto
A trabalhá com'á jãinte.
E cante-le umê cantiguê
E bachim orelhas de repãinte.

A rapaziada riu com a piada e o relinhador responde:

P'ra essê qu'af cantou
Que continue a cantá
Qu'ê p'ra ê na conhecê
E logue à noute a bejá

A malta apoiou. E, do lado delas: -Tomê qu'ê p'ra nã te metês com êles...
Mas a cantora voltou:

O te cantá cheg' aqui
Come se fosse um zurre.
Tu hã-de mas é bejá
O focinhe do mê burre

-Boá...Boá...-Comentam elas

O cantor, então, resolve mudar de táctica e canta:

Sendo tu tã boazinhê,
P'ro que te fazes assim?
E goste de ti, tu sabes,
E sê que gostas de mim

Ela

Se ê intrassa no tê pête
Sabiã tê intrid.
Assim, come lá nã ãintre,
Nã sê se me tans amô.

ali foi que se acabou a cantora

E ele, novamente, e para terminar

Detê um limã ô rego
 A tuê portê parêi.
 Si o limã te qué bãim
 Que fará quem no detêi

Entretanto chegou a hora do almoço. Cada um foi ao seu alforge e dele tirou um pão de trigo, um naco de toucinho uns e um cachucho frito outros e, todos, uma corna com azeitonas.

Enquanto comem, conversam sobre assuntos triviais.

Finda a frugal refeição bebem água e voltam ao trabalho agora revigorados pelo alimento ingerido.

No Alentejo ainda não chegou o hábito de os patrões fornecerem vinho aos trabalhadores. Pessoalmente condeno esse costume que considero degradante. Nenhum dos trabalhadores rurais portugueses anda suficientemente alimentado para poder aguentar os efeitos de um ou dois litros de vinho durante o trabalho. Isso arruína-lhe a saúde e não lhes dá energia. Pelo contrário: Sei de casos em que alguns trabalhadores têm caído, por embriaguês, durante ~~o~~ serviço, com consequências muito graves sobre tudo na época da colheita da azeitona. Depois, álcool pede mais álcool e o trabalhador ao regressar do campo entra na taberna em lugar de ir para casa, a fim de completar a bebedeira. Porque não dar-se em dinheiro o custo do vinho fornecido? O governo devia ~~xer~~ por cõbro a tal hábito, que teve origem nas regiões vinhateiras e que com o tempo se espalhará por todo o país.

Shogado o Sol pôsto, alto ao trabalho e regresso aos lares. Ceia e cama-que que o corpo está maçado.

Na cama, o trabalhador descança sem preocupações, pelo que se recompõe e recupera rapidamente. O sono é tranquilo até ao amanhecer.

Entre o rural subsiste o errado conceito de que só o seu trabalho, porque ao ser produzido o faz suar, é que é trabalho. Médico, o advogado, o engenheiro, o funcionário, não trabalham porque, julgam eles, ao fim do dia não lhes dói o corpo... Puro engano. (que políticas mal intencionadas têm explorado nas suas propagandas...). O trabalhador intelectual consome mais calorias e dispende maior percentagem de fósforo do que o trabalhador físico e muitas vezes vai para o leito mais cansado que o rural que trabalha de Sol a Sol e com a agravante de as preocupações e as responsabilidades não lhe permitirem um sono compensador.

.....
Vão já passados dois anos desde o inicio do namoro do Salsa com a Lucinda, namoro que decorreu normalmente. Isto é: Com muitos arrufos, alguns ciúmes e o prazer ^{reulido} ^{larger} na ocasião das pazes.

Na altura própria foi permitido o namoro ao postigo e, ultimamente, já o Salsa está autorizado a entrar em casa da futura noiva à noite, ao se-
rão, para um bocadinho de namoro sob a vigilância atenta da Maria Rosa que, por esse motivo, não mais conseguiu terminar um par de meias, sem que lhe tivessem saltado umas poucas de malhas.

O Salsa, tem agora vinte anos e já foi a Nisa dar o nome para ir às sortes.

O tirar das sortes significa o inicio da emancipação dos rapazes das vilas alentejanas e é sempre festejado com muita alegria.

Meses antes os pais dão aos filhos o salário de um dia de trabalho por semana que adicionado ao produto de alguns serviços que prestam nos Domingos à laia de gancho, constitui a receita para as despesas da festa.

Antes uns dias do estipulado para as inspecções, a malta das sortes reúne-se em grupo e, acompanhados por um acordionista que contratam, andam pelas ruas da vila a cantar, a tocar pandeireta e a beber vinho. As raparigas chegam às portas para os ver passar e receber o olhar amoroso do conversado, sentindo no peito um doce ardor de satisfação, pois o facto de o namorado entrar nas sortes constitui um sinal ~~para~~ precursor do casamento em virtude de o hábito de os rapazes ^{casarem} ~~casarem~~ logo que se verifique o seu regresso da tropa, e é costume os namorados trocarem prendas e as noivas oferecerem, ao seu rapaz, umas ceroulas com o cós bordado pela sua mão.

Na véspera das inspecções a rapaziada vai comer um lanche ao campo para junto de uma ribeira na qual tomam um banho ^{geral} de limpeza - alguns pela primeira vez, pois até aí apenas se lavavam até ao possível ...

^{as sortes}
Tiradas ^{as} conforme ficam apurados, livres ou esperados - colocam em volta dos chapéus fitas encarnadas, brancas ou verdes. Em regra, todos preferem ficar apurados pois é um sintoma de virilidade e saúde. As próprias raparigas, embora a vida militar lhes retarde o casamento, sentem certo desgosto se o namorado fica isenta, sobretudo pela mofo que as outras lhe fazem.

Findas as inspecções e conhecidos os resultados, a malta sai da casa da Câmara aos guinchos e aos pinotes. O acordionista inicia uma música e todos o seguem em direcção das carroças que, à saída de Nisa, os esperam para os transportar para a terra.

Sempre a cantar, a gritar e aos vivas, entram em Alpalhão todos de pé

nas carroças, às quais os mulateiros imprimiram maior velocidade, sendo recebidos, com alegria, por toda a população.

Consoante os graus de parentesco ou amizade, todos queriam saber qual a sorte daqueles que lhes merecem interesse. Foi por isso que a Lucinda pediu à Engrácia da tá Clotilde para ir saber como ficara a António.

E esta foi cumprir a incumbência:

-E Tone ... atã como ficaste ?

E o Salsa dando-se ares de pessoa importante:

- Fiquê p'rá marinhê!...

-Aí valentã. Dá cá um abraço, home! ... Dum moço com' a ti nã se esperavê outrê cousê. Vivê!... Vou já dzê à Lucindê.

-Atã diz-le... E diz-le tamém que logue passe por lá.

E a malta das sortes dá mais umas voltas pela vila sempre a beber e a cantar, recebendo os cumprimentos da população

À tarde tem lugar o jantar de confraternização, e, à noite, o célebre baile das sortes a partir do qual os namorados começam a sentir saudades pois é natural que falem na próxima partida para o quartel.

O tempo foi corrento sem sucessos dignos de nota, até que chegou a época das incorporações.

O António Salsa, foi destinado à Escola de Marinheiros de Vila Franca de Xira.

A hora da partida aproxima-se e o desgosto do Salsa é maior por todos os seus companheiros terem sido destinados aos quartéis das cidades vizinhas e apenas ele ia para tão longe. Ele... Que nunca se afastara de Alpalhão a não ser para se deslocar a Gáfete para ver as touradas à vara larga.

Na véspera da apresentação andou, de tarde, a despedir-se dos familiares e dos amigos e à noite foi despedir-se da Lucinda.

Já se namoravam havia muito tempo e estimavam-se sinceramente. Nem ele avaliara, até aí, a maneira como lhe queria. Só o soube-e para ele foi uma revelação - quando ^{ao tomar} ~~XXXXX~~ o caminho da casa da namorada, sendiu no peito um aperto que o sufocava... Sentiu até vontade de chorar, o que ~~XXXXXX~~ o fez corar apesar de se encontrar só e, por isso, ninguém poder ver este sinal de fraqueza. Tomou coragem e, sorridente, entrou na casa do Zé Bonito. A Lucinda - com que esforço o conseguiu - recebeu-o também sorrindo ... Conversaram, galhofaram como de costume, cada um pretendendo esconder ao outro o que lhe ia na alma, até que o Salsa disse :

- Tanhe que me di .

-Já ?

-Tãim que sê!

A Lucinda não consegue evitar uma lágrima teimosa, ainda que sorria...

Levantam-se do artibanco e o António estende-lhe a mão. Ela aperta-lha não podendo evitar, nem para isso fazendo qualquer esforço, que as lágrimas lhe caíam em borbotões. Tira do seio uma papel dobrado que entrega ao namorado e, sem o olhar, diz :

-Adêa - e corre escada acima direita ao sobrado que lhe serve de quarto de dormir.

O Salsa fica petrificado, com o papel nas mãos... Depois, voltando a si, despede-se rapidamente da família do Zé Bonito e sai porta fora. Na rua, repara no papel que, instintivamente, ainda aperta com força. Desdobra-o: É uma estampa de Nossa Senhora da Redonda na qual a Lucinda escrevera: -
-Que ele te guarde p'ra mim.

O Salsa beija a estampa, dobra-a e guarda-a na divisão mais íntima da sua carteira nova...

É, como tinha que sair no comboio da noite e já era um pouco tarde, corre a casa, despede-se dos pais, pega na bolsa da roupa e vai, a pé, para a estação de Vale do Peso, que dista cinco quilómetros da vila.

O silêncio da noite luarenta apenas é interrompido pelos ralos que cantam nos campos próximos. O ambiente é propício à meditação e o António embrenha-se nos seus pensamentos ...

Pensa nos pais, na namorada, na mxx tapado, na burra - sua companheira de trabalho - na cabra - que o seguia como um cão e acudia pelo nome de formosa- nos bailes ... E pensa no que irá encontrar, construindo mentalmente um grande casarão-que será o quartel... Vê filas intermináveis de homens vestidos de igual modo e todos tristes por terem longe as suas Lucindas ... Houve vozes de comando, insultos, blasfêmias ... Vê-se doente num quarto com muitas camas iguais e todas de branco... E uma lágrima rebelde acode-lhe aos olhos. Limpa-a num repelão e interpela-se : - Afinal que homem sou eu?.. A chorar ? ... Não ! Os quartéis são governados por pessoas civilizadas e não por selvagens ... É rude o tratamento sim, mas isso me preparará melhor para as dificuldades que, a vida, porventura, a vida me apresente. Além disto, (e no seu cérebro de semi-analfabeto, surge pela primeira vez uma noção rudimentar do conceito de Pátria), vou preparar-me para, se for necessário, defender a minha terra, a minha casa, os meus pais, a minha mulher, os meus filhos... E como eu, farão os outros e, todos juntos, defenderemos Portugal ! - E o seu peito enche-se de orgulho, à sua memória veio o entusiasmo que sentia sempre que, atrás da música, cantava o Hino da Restaura-

ção, na madrugada do dia primeiro de Dezembro.

E para evátar pensamentos que pudesse desvirtuar o entusiasmo que lhe trouxeram os que acabara de ter, começou a recitar, mentalmente, uma décima que aprendera havia pouco tempo e que terminava assim:

O trabalhador é um triste desgraçado,
Porque se anda de novo ... é gastador
E se anda roto ... é relaxado.

Depois, para arranjar companhia no som da própria voz e expressar, ao mesmo tempo, o que lhe ia na alma, começou a cantar, em ritmo de fado corrido, esta quadra que aprendera com o cèguinho dos folhetos :

Quem canta dizem que espanta
As penas do coração.
Já estraguei minha garganta,
E as penas ainda cá estão.

E, sem dar pelo tempo, chegou à estação dos caminhos de ferro. Comprou o bilhete e nós vamos deixá-lo gozar a viagem através das revelações que lhe serão feitas por paisagens e costumes que desconhece...

Logo que subiu para o comboio, encontrou-se com os rapazes de outras terras que iam, como ele, apresentar-se nos quartéis que lhe foram destinados. Como a juventude de pressa cria relações, associou-se a um camarada que também ia para a marinha.

Fizeram uma viagem divertida cada qual contando fragmentos das vidas passadas e abordando a vida próxima que lhes seria comum.

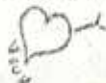
Chegaram a Vila Franca já amigos. Foram apresentar-se e, depois, seguiram a rotina : corte do cabelo, banho, entrega de fardamentos, indicação do alojamento, jantar e... cama.

As emoções da partida, o som sempre igual do comboio em andamento e o alarido nas estações de paragem, perturbaram um pouco o espirito do Salsa que teve um sono muito agitado. Acordou cedo e começou a vida nova : Bancau, almoço, jantar e, nos intervalos, exercícios. Assim sempre, sem qualquer variação, se passaram os dias sem que o Salsa desse por isso. Sentia saudades, é certo, mas de modo que andava nem disposição conseguira arranjar para escrever à Lucinda. Até que um dia se resolveu: à tarde, depois do toque da ordem, foi para a caserna. Sentou-se no chão e com a caixa sur a servir de mesa, começou e concluiu a seguinte carta:

+ au marinha

Estime que estê minhê cartê te vá incontrá bem junte do tês. Chegê o mē destine já hã diês amō e ainda se me nã tirou o atordoamente que me fez o cambóï na cabêcê. Olhê foram aquãise cinque horês sũmpre a andá. Olhê estou longe de maiô amō e já tanhe do pete muntas saudades de ti do me pai da nha mãï do nosse tapade dos balhes da nossa vilê. Olhê vi cousês munte bonitês e até me assustê cande os cambóï passim uns pros outres ~~xxx~~ ápitá com um grande cagaçal. Mas amō falta-me aqui o chero do nosse campe nã respire bãm drãinte destes ~~xxxxxx~~ casarons e aindê me faltê tante tãmpe... Ainda onte chegê e já estou a pinsá im me di. Olhê sã sete da tarde e estou a iscrivê da casernê. Olhê a terra chama-se Vilê Franquê di Xirê. No promero diê arrecebemes os fardamãintes e já andames vestides. Nã pareço mal amôã só nã goste dum bonel dos que me derim. Olhê o comê nã é ruim e he-de-me habituá. Olhê manda-me o tê retrate proquê nunca te esquece espere de ti o mesme cá longe sim ninguém conhece é que a jãinte vêi com qué os outres. Olhê cande tivês vagá vai a Nassã Senhora da Ridondê e leva-le azete pra na alumias pede-le pro mim pous Elê nunca esqueca os sês filhes de Alpalhã. Olhê hoje nã tanhe más pra te contá ande munte maçade. Escreve de brebe amō. dá visitas deste que se assina Antône o mē pai nha mãï, tê pai tuê mãï vosso chachopinhe ti Antône Jacaré tá Zefa Quiqui, tua avô e a quem précurá pro mim. Pra ti um aperte de nã

Antône



Passados dias o Salsa recebe a resposta

Antône

Estime questa minhê cartê te vá incontrá de profeta saude junte dos tês companheres é fique bãm graças a Dês co mē desgôste de te tê xã lonje de maiô. Olhê Antone arrecebi a tuê cartê que me dexei munte sastefeta pro te sabê de saude só nã gostê dos palavrõna de crida e amō que até umê pessô se invergonhê de dá as cartês a lê. Olhê já foi à Senherê do Ridondê fazê o que me pediste foi é a minhê primê já me esqueciê te te dzê que já fizemes as pazes e andames munte contãintes a Ingraca da tá Estrudes e o mē irmãzinhe. Olhê vou ta contá co Zê Brute já nomorê do ti Jacaré Brabe. Olhê é nunquê más foi os balhes nã tanhe sastefaçã pra m'adverti nim quere tê nada más nove incante tu nã te viês. Olhê agora vou ta contá Amê cousê que me dexei arraladê foi ca Xica do Adre disse à Imbolina do ti Fressusque que disse à mãï da primê delê que me contêi que tu que desseste que nã me queriês pra casá que era só pra passá tãmpe agorê tu é que sabes. O Domingue é diê de Marte Sante mas é nã vou lá arrecebe visitês do mē pai minhê mãï, tê pai tuê mãï ti Antone da Redonê da minhê primê de todes do nassê rub e um aperte de mãï desta que se assinê Lucindê. Costê do coraçã a sangrá aindê nã te mande o retrate pro via do retratistê nã tê apracide. Escreve de pressa a minha avô quetadinhê nã tãm andade boê

Lucinda

Passados dias, o Salsa recebe nova carta da Lucinda onde esta dizia:

-Vou ta dzê que murrêi a minhê avô quetadinhê que levêi um interre munte bonite
Lucinda

Na verdade, o lar do Zé Bonito foi surpreendido pelo falecimento da mãe, que ele estimava verdadeiramente.

Tinha acabado de chegar do tapado quando passou a Tereza Garrafa e lhe disse

- Mãe e Zé, a tua mãe está doente!

-Nha lé! Quem te disse? Ainda ontem na vi e pracêi-me boê ...

-Ess' agorê! ... A jante estamos agorê vives e daqui a pouco podêmes está mortes, nha lé! ... Demás elê, quetadinhê, já deve contá praribê de catre contês... Boês milhorês, cá me vou ...

E a Tezeza Garrafa seguiu rua abaixo comentando em voz Alta:

-E disse catre contês?... Elê já hã-de mas é tã aquáise novẽintê anes...Nha lé, isse sabe-se...Oitẽintê e três já tinhê o mã avô-que Dês hajb-cãde morrêi e ê sãmpre le ouvi dzê que elê era mãs velhê ca ele... Orê o mã avô já morrêi hã catre anes...Hã catre ou mãs, já nim sê!

~~XX~~
garrãz)

-Nã sabes!... - diz uma que tem estado a seguir o monologo da Garrafa e continuou - mas se quizes sabê o certe, vai précurá à tá Guilherminê do ti Zé Valẽinte, que morê da rua de Sã Pãdre, que elê logue te diz o diê certe...Elê sabe os diês mim que morrêi todê a jante de Alpalhã, de hã trintê anes pra cá...Nã sê come a mulhé tãim cabacê pra tante ...

Pous é - diz a Garrafa - dêxe está que lede précurá cãde na vi.

O certo é que a mãe do Zé Bonito adocera e, já naquela idade e depois de uma vida de grandes canseiras, não resistiu apesar de o filho e a filha terem providenciado para que fosse vista pelo médico e mandassem ainda à botica aviar um levedor.

Assistiram ao passamento o Zé Bonito e a irmã, a Felizarda, que sempre foram bons filhos dando o devido valor aos sacrifícios que a mãe, na sua viuvez precoce, fizera para os criar.

Estava também presente a Lucinda à qual o Zé Bonito ordenou que fosse chamar a mãe.

A Lucinda partiu a correr e chegou a casa cansada, dizendo:

-Ai ... Ai... Ai mãi ... e respirou profundamente.

-O que tãns, mulhê? ... Crêde, que afluçã!... -Perguntou a Maria Rosa.

-Mãi: Mã pai disse que se vanhê ca minhê avô já morrêi!

Apanhada de surpresa a Maria Rosa exclamou sem refletir:

-Elh'á chatice, a umês horês destês

E mudando de tom:

-Ai... Valha-me Dês ... O que me dizes tu? E mulhé, mexe-te ...

... Fique aí parado a olhá pra mim, crede ! ...

-Nha lé ... O que qué vocemecêi que facê - diz a Lucinda.

- E mulhé, que te mexés ... Que vás tirá as cousta prêtas : As mãis, os chales, as saibés (e fixando a filha).Elhim... Nã vêim que nim chorê?... Iste é que te digue que sã sãintimãintes ... Dá cá tamãim o lãince da cabêcê e levê o capote do tê pai.

Depois de terem vestido os lutos e ainda dentro de casa, a Maria Rosa gritou chorosa :

-Ai sogrêda minh'almê ... -

Depois de sair de casa e enquanto fechava a porta, volta a gritar:

- Ai que desgoste tã prefunde ...

E ia para continuar o seu carpir quando se lembrou de que não levava lenços de assoar e, então, disse para consigo:

- Elh'á gaitê!... Agorê esqueci-me dos lãinces - e voltou a entrar.

Novamente na rua, a Maria Rosa, conhecedora profunda dos costumes Alpalhoeiros, continuou a charar pela sogra, em alta gritaria, como é do uso, e dando corridinhas para dar a impressão que a sua presença era necessária para que se desse um milagre

-Ai a minhã belê sogrê,quetadinhê, que já morrêi ... Ai sogrê da minh'almê.

O mulnerio alvoroçado, começa a chegar às portas e a interrogá-la

-E Mariê...O que foi,mulhê, que vás tã aflitê ?...

-Ai...Foi a minhê sogrê que morrêi ...-depois em tom natural - Pous morrêi,quetadinhê-e aproveitando para descansar,parou - Pous morrêi ... Ai ... (e inspira fundo)-E estavê a começá açãindê o lume cande,num repe-lã, m'ããntê pra casê adrãinte a minhê Lucindê e me diz assim mesme: A minh'avo'morrêi !... E mulhé... Foi como se me tivessim dade umê marteladê da cabêcê ...

E como já tivesse descansado,principal finalidade desta sua paragem, acrescentou para terminar:

- Mas tanhe que me di. Adês.

Aquela para a qual ela este a falar, comentou:

-Bastê que sim...Ainda hã pouque, o açãindê das candêis, me disserim que já estava milhó.A jãinte nã é nadê deste munde...Os mês sãintimãintes

-Obrigade,adês.-agradê

Agradeceu a Maria Rosa e volta a dar corridinhas e sempre a gritar:

-Ai a avó dos mês filhas que já nã é deste munde ... Ai a minhê sogrê... Ai...Ai... Até tanhe umê sufocaçã ...

E sempre a correr e a gritar lá se foi dirigindo para a casa da defunta.

naqui c'ante 28
foi no p'ano

Aquela com que^{me} esteve a falar, logo que ela se afastou, comenta para a vizinha da frente:

-Elhim a gritariê que vai a fazê...Elhim o alvoroce im ca quile vai... Ainda hã pouques diês se fartâi de dzê mal da mulhé na minhê frãinte, na da Jaquinê Fadistê e da Ingracê Canatarê... Até amanhã Imbrôsê-e mete-se para dentro.

A Ombrôsaia, logo que ela fecha a porta, diz:

- A cinsurá aquelê, como e'elê nã tivesse fete o mesmo cande morrêi a sogrê delê, que foi aqui um desatine, até altas horês da noute.

Chegada a casa da sogra, a Maria Rosa que pelo caminho, em virtude do cansaço deixara de ~~xxxtar~~ gritar, ao entrar voltou a fazê-lo :

-Ai sogrê da minh'almê ...

Porém, a encarregada do enterro admoestou-a rapidamente:

- Vames lá a calá pro quiste aindê nã está arranjade e tãim munte tãimpe pra chorá!

As pessoas encarregadas de dirigir os enterros, são mulheres da família ou da vizinhança que, à força de assistirem a funerais adquirem certa prática no assunto e conhecem todos os costumes. Elas é que se encarregam de preparar a casa que servirá de câmara ardente - em regra a cozinha - e dão ordens em tom autoritário às que as ajudam.

Primeiro vestem o morto e depois:

- E tu aí ... Vai tirande a loucê. E Flizardê ... Dá cá um lançol pra fazê o altá. Nã tãim um chale prête ? Dá cá. Agorê sã precisês duês velês. Vai tu comprá. Dêima cá dous banquinhes baxes, pra se botá o caxã. Já foram avisá o padre ? atã a c'horês é o interre ? As cinque ? Atã a c'horês morrêi a mulhé ? Bãim podiê sê más cede...êlh'ô ... Vá, traguim já o cachã. Assim, p'ra qui a cabêcê. Agorê vã buscá o corpe. E Flizardê, atã a tuê mãi vai co'corpe das tabuês ? Dê cá um'almofadê. Pous, mesmo umê saie serve . O que tãim que sejê novê ? Elê, quetadinhê já nã estraguê más nim umê. Bãim, assim. Dá cá agorê uma rãindê pra le pomes da carê. Pronte: Agorê tu, Flizardê, açãintas-te aqui da cabecerê. E tu, Mariê Rosê, pons-te daquele lado. Nã, tãim que sê im ~~banquinhes~~ caderês da mesmê alturê. Açãinta-te daquelê cadêrê dé palhê.

-E mulhé - intervem a Maria Rosa - mas é ca de pachê roi-me do cú e tanhe que está aí munte tãimpe !...

-E mulhé, põ-le um'almofadê ou um chale dobrade.

~~----~~

- Ah!...Só se fô assim ...

-Pois clare...Créde,nã discorrim nadê.Agorê só faltim os candiêres.-
-alusão ao hábito de certas pessoas,por promessa ou amizade, madarem uns
candieiros antigos, de metal amarelo que funcionam a azaeite,para serem
postos no altar da câmara ardente.

Preparado o cenário,a Felizarda,que é a filha começa a fazer o seu
pranto e vai dizendo de alto enquanto chora:

- Ai mãi da minhê almê,mãi... Ai mãi que nunquê mãs me consolê nos mê
desgostes,mãi ... Ai mãi! Aonde he-de di agorê desabarã,mãi...Ai mãi que
sãmpre tinhê umê palavrê de consêle,mãi ... Ai mãi da minhê vidê,mãi...Ai
mãi -e quase em tom natural,continua - Ai mãi ~~me~~ que ainda ~~mtm~~ trazantonte
aqui estivemes todê a ri ... Era ê,vocemecêi a tá Jannára do Botiquê e a
netê delê. Vocemecêi,mãi, estava acentadê do sê lugázinhe e ê e as outrê
ali- e aponta- im pé. Ai o que a jãinte se ri,mãi ... Parece que estavê
ádvinhá,mãi - depois em tom natural e sem qualquer choro - E Jaquinê,dá
af um rumorzinhe da portê,que me estou a incandiá e nã veje a carê da mi-
nhê mãi.-E voltando ao pranto - Ai mãi,mãi...Mãi da minhê vidê,mãi ...-E
como já desse mostras de cansaçô, a encarregada interveio oportuna:

-Descansê um bocadinhe,mulhé !

E outras

-O que te estás tu a consumi tante,mulhé ? Sim agorê já nã hã remede...

Então a Felizarda,para finalizar em apoteôse esta sua primeira atua-
ção,conclui elevando ainda mais a voz :

- Ai mãi,mãi ... Ai mãi o trabalhe que vocemecêi teve pra me criá mãs
o mê irmã,mãi.Ai tante sacrífice,mãi... Ai mãi que nunquê faltou à jãinte
com o bocadinhe de pã,mãi ...

Estas recordaçôes fizeram o Zé Bonito chorar sinceramente e todos os
que ali se encontravam se comoveram com estas referências verdadeiras e fi-
zeram um côro de gritos. E a Felizarda passou depois a chorar em silêncio.

Como se espalhasse a notícia da morte da mãe do Zé Bonito os amigos e
faiiiares - elas rigorosamente vestidas de preto e eles com gravata preta e
capote alentejano - foram chegando a fim de passarem a noite a velar,fazendo
companhia à família íntima da ~~marra~~ falecida. Entre eles,chega uma prima
que,pelos vistos, não se dava muito bem com a defunta mas que, talvez por
remorsos, resolvera vir prestar-lhe esta última homenagem. As outras,sabe-
doras,ficaram álerta para observar e com o intuito de a criticarem ...

E a prima, logo ^{que} entrou deu início ao pranto :

-Ai a minhê primeê,quetadinhê .-Depois,numa oitava acima - Ai a mi-

nhê primê,quetadinhê, que moorrêi na suê casinhê ...

- Essa agorê...Aonde quereriê elê que a mulhê morressa ? Elê até já saibê pouco ultimamãinte ... - comentou uma para a que lhe ficava mais próxima.

E a prima continuou :

- Ai a minhê primê lindê que está no sê lête de morte ...

A outra voltou a comentar :

- Elhim ... Lindê ! Elê quetadinhê até está desafiguradê ...

Novamente a prima :

- Ai a minhê prime` ... Ai a minhê amigubê ...

E a comentadora enquanto se punha de pé:

- Elhim a presumidê ... Só o que fêz foi insultá a mulhé inquante foi vivê... Dêxa-me lê passá qu'ê nim posse ouvi estê trapalhices .

E a seguir à pãima entraram outras mulheres fazendo todas o seu pranto

Ac fazer esta descrição que, como todas as outras, tem o fim de apontar um uso da terra,não me moveu qualquer intuito de mofa. É um costume e como tal tem de ser respeitado. Estes hãbitos não são mais de que reminiscências das antigas carpideiras que, como é sabido, existiam por todo o país e/ ainda hã poucos anos me foi dado observá-las,em plena actuação, na cidade de Macau.

- As pessoas mais evoluídas da vila, já têm outras maneiras de exteriorizar os seus sentimentos e chora-ôs entes queridos em silêncio. Pois bem: De tal modo isto é considerado pela gente do povo que,não raro,se ouvem comentários como os que a seguir descrevo:

- E Mariê...Foste ô interre do senhor fulano ? ...

-E foi. E mulhé,que tristêsê...Tu nã viste ?... Ningãim gritavê nim fizerim prante ô home...E até ouvi dzê que,candê foi à noute , até forim bobê chá e - com sua liçãinça- cacá.

- Pous foi.E verdade,mulhê,ê até digo que aquelê jãinte nã tãim sair timãintes ... Se nã fossa a mulhé do criado dele,nã se ouviã ali umê mosquê . Hmê cousê assim ... E, sim E ô, sinsure mas é as filhês,porque os filhes,esses, sã homes.

Os funerais,regra geral religiosos, levam sempre grande acompanhamento.Todos seguem,muito respeitosos e os homene sempre com a cabeça des coberta. Os lutos são cumpridos com rigor. Pela morte do pai ou da mãe, o costume obriga a um ano de luto carregado e meio ano aliviado.

inocência de criança atemorizada, verti perante a tragédia vi, e fixou-se para todo o sempre na minha memória, a atacar, com bravura, o fogo, um conterrâneo que pouco tempo antes tivera, com meu pai, uma demanda judicial. E vi também também um outro, no qual até aí nunca reparara, com as mãos queimadas e que se foi embora sem esperar por agradecimentos ou consentir que lhe fosse feita uma desinfecção ainda que rudimentar. BEM HAJAM !